

REFLEXÕES ACERCA DA RESIDUALIDADE E DOS ESTUDOS CULTURAIS NO ÂMBITO DA CRÍTICA LITERÁRIA

Dílson César Devides¹

José William Craveiro Torres²

Tallyson Tamberg Cavalcante Oliveira da Silva³

RESUMO: O presente trabalho tem como principal objetivo apresentar algumas reflexões relacionadas às contribuições dos Estudos Culturais no âmbito da crítica literária, especialmente naquilo que diz respeito aos mecanismos de pesquisa em Literatura Comparada. Para tanto, busca-se apresentar as diretrizes comparatistas da *Residualidade*, sistematizada pelo Prof. Dr. Roberto Pontes. Destacamos, ainda, os lindes disciplinares dessa teoria: os estudos da *Nouvelle Histoire*, propostos pela agremiação da *École des Annales*; as ideias do crítico literário Raymond Williams sobre os processos da herança cultural; e também as noções de hibridismo cultural, apresentado por teóricos como Stuart Hall e Néstor Canclini. Por fim, pretende-se demonstrar de que modo os Estudos Culturais contribuem no diálogo interdisciplinar no âmbito da crítica literária e, para isso, a seleção da teoria da *Residualidade* serve como exemplificação desse diálogo no seio das investigações acadêmicas em Literatura Comparada.

Palavras-chave: Estudos Culturais, Literatura Comparada, Residualidade, Crítica Literária, Interdisciplinaridade.

ABSTRACT: The present work has as main objective to present some reflections related to the contributions of Cultural Studies in the scope of literary criticism, especially with regard to the research mechanisms in Comparative Literature. Therefore, we seek to present the comparative guidelines of Residuality, systematized by Prof. Dr. Roberto Pontes. We also highlight the beautiful disciplinary aspects of this theory: the studies by *Nouvelle Histoire*, proposed by the *École des Annales* group; literary critic Raymond Williams' ideas about the processes of cultural heritage; and also the notions of cultural hybridity, presented by theorists like Stuart Hall and Néstor Canclini. Finally, it is intended to demonstrate how Cultural Studies contributes to interdisciplinary dialogue in the context of literary criticism and, for this, the selection of the theory of Residuality serves as an example of this dialogue within academic investigations in Comparative Literature.

Key-words: Cultural Studies, Comparative Literature, Residuality, Literary Criticism, Interdisciplinarity.

¹ Doutor em Estudos Literários pelo IBILCE/UNESP. Atualmente é Professor Adjunto da Universidade Federal do Maranhão, campus III, atuando na graduação e na pós-graduação do curso de Letras, lecionando as disciplinas de Teoria Literária e Literatura Brasileira. E-mail: dilson.devides@ufma.br

² Doutorando em Literatura de Língua Portuguesa (Investigação e Ensino) pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra – FLUC. Mestre em Literatura Comparada pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: williamcraveiro@hotmail.com

³ Graduado em Letras com habilitação em Português/Literatura pela Universidade Federal do Ceará. Mestrando em Letras pela UFMA, campus III, na área de concentração em Linguagem, Cultura e Discurso, atuando na linha de pesquisa em Literatura, Cultura e Fronteiras do Saber. E-mail: thallysontamberg13@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Em decorrência ao desenvolvimento da moderna linguística, no alvorecer do século XX, com Ferdinand Saussure, temos assistido ao paulatino surgimento de uma profusão de correntes teóricas e críticas no campo da investigação literária⁴. Todas essas correntes buscam contribuir, cada uma com suas próprias perspectivas investigativas, para a compreensão e análise do fenômeno literário. O presente trabalho tem como objetivo não o de apresentar considerações em torno dessas diversas correntes teóricas, mas o de focalizar algumas reflexões sobre as contribuições dos estudos culturais⁵ no âmbito da moderna investigação no campo da literatura, apresentando, para isso, os norteamentos gerais da Teoria da *Residualidade*, constructo teórico e investigativo sistematizado pelo Prof. Dr. Roberto Pontes no seio intelectual do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará, e que teve como ponto de partida as ideias de Raymond Williams em torno dos processos culturais nas sociedades, bem como as reflexões da *École des Annales* acerca das heranças de *mentalidade* ao longo da história.

Desse modo, o primeiro tópico do presente trabalho procurou abordar as ideias gerais sobre os trabalhos da *École des Annales* na renovação dos objetos e metodologias da historiografia moderna e, por isso, seus integrantes ficaram conhecidos como intelectuais pertencentes a *Nouvelle Histoire* (Nova História). Assim, nesse primeiro tópico, os conceitos de *mentalidade*, *imaginário* e *longa duração*, bem como a apresentação do método investigativo dessa agremiação serão apresentados e, para isso, utilizamo-nos de pensadores como Georges Duby, Jacques Le Goff, Hilário Franco Júnior e Peter Burke. A segunda parte buscou apresentar as considerações do pensador galês Raymond Williams, considerado um dos fundadores dos *Cultural Studies*, sobre os processos que formam a complexa malha da rede cultural de uma sociedade. Para tanto, os conceitos de *residual*, *emergente* e *dominante* fazem-se presentes, assim também como as considerações desse

⁴ Para uma visão introdutória e sumária das diversas correntes teóricas no campo dos estudos literários, Cf. BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (org.). *Teoria Literária: abordagens e tendências contemporâneas*. 4^a ed. Maringá: Eduem, 2019.

⁵ Cf. CEVASCO, Maria Elisa. “Literatura e Estudos Culturais” In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (org.). *Teoria Literária: abordagens e tendências contemporâneas*. 4^a ed. Maringá: Eduem, 2019.

pensador em torno das heranças culturais e da tradição seletiva. Tais contribuições teóricas são imprescindíveis para a compreensão dos lindes disciplinares que formam a Teoria da *Residualidade*.

A terceira parte deste trabalho procurou apresentar as diretrizes da Teoria da *Residualidade*, sistematizada pelo professor cearense Roberto Pontes no seio da Universidade Federal do Ceará. Para isso, apresentar-se-á as palavras do próprio Roberto Pontes sobre os fundamentos da sua teoria, seus lindes disciplinares, seus objetivos com a sistematização da *Residualidade* e a contribuição desse constructo teórico para as pesquisas acadêmicas em torno dos estudos literários. Por fim, a última parte deste trabalho gira em torno das considerações finais, nas quais são apresentadas as nossas reflexões em torno das contribuições da *Residualidade* no âmbito da crítica e investigação literárias contemporânea, e de que modo os estudos culturais contribuíram para a sistematização dessa teoria, bem como contribuem para o desenvolvimento de novas perspectivas no seio das investigações acadêmicas em torno dos estudos literários.

ACERCA DA ÉCOLE DES ANNALES E SOBRE AS NOÇÕES DE MENTALIDADE E IMAGINÁRIO

A noção do que vem a ser *residual* está atrelada intrinsecamente à concepção de *mentalidade*, uma vez que são conceitos complementares, pois o *resíduo* seria justamente um substrato da *mentalidade* de um período histórico e cultural que é reaproveitado por um artista (ou grupo de artistas) e ganha novo fôlego e atualização na arte produzida com base nesse processo. Por conta da abrangência que o termo *mentalidade* se reveste, muitas vezes tal conceito é logo relacionado à noção de cultura. De fato, uma das acepções do termo cultura se coaduna com a noção de *mentalidade*, qual seja: “conjunto dos padrões de comportamento, crenças, conhecimentos, costumes etc. que distinguem um grupo social”⁶. No entanto – e para mostrar que sinônimos perfeitos não existem – se encararmos a outra acepção do verbete “cultura” como sendo, também, “complexo de atividades [...] ligados à criação e difusão das belas-artes, ciências humanas e afins.”⁷, logo veremos, por conta do caráter materialista do qual esta outra significação se reveste, que a

⁶ *Dicionário Eletrônico Houaiss de Língua Portuguesa* (versão 3.0).

⁷ *Op. cit.*

palavra “mentalidade” não terá o mesmo significado que atribuímos à palavra “cultura”, mas que tudo aquilo que se encontra por trás deste verbete será tido como uma materialização daquilo que aquele outro representa, afinal a *mentalidade* se deixa entrever nas ações e produções humanas ou, noutros termos, no *imaginário* produzido pelo homem.

Foi, no entanto, apenas com a agremiação de historiadores da *École des Annales*, mormente depois dos anos 50 do século passado, que o termo *mentalidade* passou a ganhar maior notoriedade nas ciências humanas, pois se tornou o objeto de pesquisa dessa corrente de intelectuais franceses que então propuseram uma inovação do fazer historiográfico: era a chamada *Nouvelle Histoire* (Nova História). Para eles, o objeto ao qual o historiador deveria se ater era a atmosfera mental de determinadas camadas ou de determinados grupos sociais que fosse extraída a partir de objetos artísticos produzidos por membros duma civilização num dado momento, ou seja, a partir das peças de arte, o historiador deveria buscar extrair o substrato mental de determinado momento histórico, pois os objetos artísticos carregam em si o gênio de seus criadores e estes, por sua vez, trazem consigo a *mentalidade* da época em que viveram.

Vale salientar que os franceses que formaram essa corrente de pensamento – dentre os quais figuram Marc Bloch, Lucien Febvre, Robert Mandrou, Fernand Braudel, Jacques Le Goff e Georges Duby – imprimiram à História, enquanto Ciência Social, um novo método de análise dos acontecimentos, através da mudança de perspectiva sobre o objeto de estudo: assim, eles deixaram de se debruçar exclusivamente sobre mapas e sobre documentos de cunho estatístico e se voltaram às obras literárias, para delas extrair as *mentalidades* que os ajudariam a reconstruir a história dos povos. Georges Duby, um dos maiores expoentes dos *Annales*, assim se referia às *mentalidades*:

De maneira mais insistente, Febvre exortava-nos a escrever a história das “sensibilidades”, dos odores, dos temores, dos sistemas de valores, e seu *Rabelais* demonstrava magnificamente que cada época tem sua própria visão do mundo, que as maneiras de sentir e pensar variam com o tempo e que, em consequência, o historiador é solicitado a se precaver o quanto puder das suas, sob pena de nada compreender. Febvre propunha-nos um novo objeto de estudo, as “mentalidades”. Era o termo que utilizava. Pois nós o retomamos (DUBY, 1993, p.87-88).

Duby prossegue em suas considerações e destaca o caráter psicológico (portanto, imaterial) que reveste o termo em apreço: “com esta, o que se queria dizer, sempre vagamente, eram certas disposições psicológicas e morais a julgar as coisas” (*idem*, p.88). Assim, noutras palavras, o historiador francês quis dizer que a “mentalidade” de um determinado povo é a maneira como os indivíduos que dele fazem parte veem as coisas ou percebem o mundo e a realidade, ou, noutras palavras, “as atitudes mentais de uma sociedade, os valores, o sentimento, o imaginário, os medos, o que se considera verdade [...]”⁸. São, portanto, “os elementos culturais e de pensamento inseridos no cotidiano, que os indivíduos não percebem. Ela é a estrutura que está por trás tanto dos fatos quanto das ideologias ou dos imaginários de uma sociedade”⁹. O caráter psicológico ou imaterial do termo a que chamamos *mentalidade* foi observado “no meado do século XIX por derivações da palavra mental, designando vagamente o que se passa na esfera do espírito” (DUBY, 1993, p.88).

Apesar, no entanto, do caráter imaterial do termo, Georges Duby nos alerta de que o estudo das mentalidades “não deve em hipótese alguma ser isolado do estudo da materialidade” (*idem*, p.89). Assim, ao estudarmos o conjunto de imagens e representações produzidas pelo homem – na qual obviamente se inserem as obras artísticas –, certamente estamos nos voltando para a *atmosfera mental* de um determinado povo. Partindo da obra de arte para alcançarmos a *mentalidade* dum povo, estamos saindo do âmbito do individual – pois, no mais das vezes, a obra de arte é realizada por uma única pessoa – para atingirmos o coletivo, âmbito em que se processa a *mentalidade*. Sobre essa questão, diz-nos Duby:

Todavia – e vinha aqui nosso segundo princípio – não era pelos indivíduos que nos interessávamos. Não raro obrigados, naturalmente, a apreender o que desejávamos alcançar através do caso de uma personalidade, tentávamos abstrair seus pensamentos individuais. Exatamente como não aceitávamos separá-los de seu corpo, tampouco consentíamos em isolar este indivíduo do corpo social em que se inseria. Com o termo mentalidades, designávamos o conjunto vago de imagens e certezas não conscientizadas ao qual se referem todos os membros de um mesmo grupo (*idem*, p.90-91).

⁸ SILVA, Kalina Vanderlei. *Dicionário de Conceitos Históricos*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2009, p.279.

⁹ SILVA, *Op. cit.*, *ibidem*.

E prossegue, ainda, em relação ao *modus operandi* de seu trabalho:

Era preciso que eu determinasse, nesses objetos excepcionais, fosse o casaco do imperador Henrique II, conservado no tesouro da catedral de Bamberg, fosse a estátua de Adão antigamente instalada sobre o púlpito da Notre-Dame de Paris, o que parecia decorrer do “gênio”, da sensibilidade pessoal do artista, de suas invenções imprevisíveis, de sua livre inspiração, em suma, o que na obra mostra-se irredutível a toda explicação, e separá-lo do que não o é, de todo o resto, desse fundo geral a que recorrem tanto mestres menores como grandes criadores, e que é o único a manter algumas relações com o meio social e cultural (*idem*, p.95).

Nesse excerto de seu texto, Duby opera com a noção de *imaginário* (ainda que não explicita o termo), pois, para ele, o historiador das mentalidades deveria se debruçar, também, sobre as obras de arte, sobre os artefatos produzidos pelo espírito inventivo e imaginativo do artista. Nessas produções artísticas, o pesquisador encontraria a ação humana manifestada através da sensibilidade; ação, essa, inevitavelmente relacionada à *mentalidade* do meio histórico e cultural no qual o artista viveu, pois um determinado grupo social existe, em determinado período, com todas as suas peculiaridades psicológicas: suas crenças, seus vícios, suas esperanças, seus ideias, seu modo de ver, perceber e de sentir a realidade. Todos esses modos de sensibilidade que aparecem na cultura de um povo estão presentes nos indivíduos que o compõem, e o artista, fazendo parte dessa coletividade, transmitirá à sua obra não só o seu modo de pensar, mas também o de seu grupo. É precisamente ao conjunto de manifestações e representações materiais de uma coletividade em determinado período histórico que se insere o conceito de *imaginário*, pois este nada mais é do que “todas as representações de uma sociedade, toda a experiência humana, coletiva ou individual”¹⁰, ou ainda, o “conjunto de imagens, verbais e visuais, que uma sociedade ou um segmento social constrói com o material cultural disponível para expressar sua psicologia coletiva”¹¹.

É nesse sentido, portanto, que para Duby – conforme já salientamos – a investigação em torno das *mentalidades* não deve “em hipótese alguma ser isolado do estudo da materialidade” (DUBY, 1993, p.89), pois o que se buscava conhecer, as *mentalidades*, “se passava nas cabeças, que não podem ser separadas de um corpo, de um

¹⁰ SILVA, *Op. cit.*, p.213.

¹¹ FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A Idade Média: Nascimento do Ocidente*. São Paulo: Brasiliense, 2006, p.183.

animus [...]” (*idem, ibidem*). Portanto, o estudo da *mentalidade*, cuja natureza é invisível aos sentidos, deve ser realizado a partir dos elementos materiais que sirvam de concretização para os processos mentais ou, como afirma Duby, a “cabeça” não pode ser separada do “corpo”, pois para se tornar conhecido o que se passa naquela, deve-se investigar os sinais deste. Por isso esse intelectual francês ressalta sempre a ideia de materialidade ligada intrinsecamente à noção dos *substratos mentais*, haja vista que esta se encontra por trás daquilo que vemos, ou seja, não se chega à *mentalidade* sem perpassar pelo material, pois, se a *mentalidade* estivesse estritamente limitada às ideias, aos processos mentais, ao que se passa na mente do indivíduo, não haveria possibilidade de serem identificados os seus traços, assim é através da materialidade que captamos sua essência.

Foi nesse sentido que a *Nouvelle Histoire* (Nova História) passou gradativamente a considerar as produções literárias como sendo uma substancial fonte historiográfica. Assim, os integrantes da *École des Annales* passaram a se debruçar sobre objetos artísticos, como as pinturas, as construções arquitetônicas, as esculturas e, principalmente, as obras literárias. As obras de arte possuíam, na visão desses estudiosos franceses, com relação aos mapas e aos velhos documentos cartoriais, uma característica que as tornavam melhores aos propósitos da Nova História: a visão crítica do artista sobre a realidade, uma vez que a arte é tida como uma forma de se fazer uma leitura do real, dos fatos, da sociedade. Desse modo, os elementos culturais de caráter material, noutras palavras, os objetos artísticos nada mais são que concretizações daquilo que se pode chamar de *mentalidade*, pois sempre trazem em si, a partir de suas características, os costumes de um determinado grupo social de certo período histórico. Sobre a utilização das obras literárias como formadora de um *imaginário* no qual se poderiam vislumbrar as *mentalidades* de camadas sociais de determinado período histórico, procedeu assim o historiador francês Georges Duby no seu trabalho investigativo:

[...] me encontrava diante de palavras, de discursos, mas diante de objetos, e de uma categoria muito particular: o que não perecera da criação artística, ou seja, quase sempre o melhor, a parte considerada mais perfeita que o respeito dos conhecedores conseguira preservar das destruições cegas e dos ataques do tempo. A parte mais “genial”, portanto. (DUBY, 1993, p.95)

E ao se referir ao *modus operandi* investigativo de Lucien Febvre, historiador francês integrante e co-fundador da *École des Annales*, assim relatou: “Lucien Febvre, de sua parte, extraindo sua informação mais das obras literárias que das cartas e muito mais que das estatísticas, sentia-se mais à vontade neste terreno que em qualquer outro” (*idem*, p.87). Desse modo, compreende-se que “as imagens – exteriorizadas sob forma verbal, plástica ou sonora – ganham sentido e, conscientemente ou não, expressam determinadas cosmovisões” (FRANCO JÚNIOR, 2003, p.100). São essas cosmovisões expressas pela arte literária que interessam substancialmente ao historiador das mentalidades.

Desse modo, as noções de *mentalidade* e *imaginário*, bem como as propostas investigativas e metodológicas da *École des Annales*, com o seu método regressivo, sua história da “longa duração” (BRAUDEL, 1978, p. 41-78) e sua reação ao modelo positivista de historiografia¹² contribuíram para o estabelecimento de novas diretrizes para os estudos relacionados aos aspectos culturais do homem. Foi, portanto, nessa configuração intelectual que o estudo da Residualidade começou a tomar corpo, a partir das elencadas noções sobre os operativos da *mentalidade* e *imaginário* e, também, a partir do modelo do método regressivo.

SOBRE A NOÇÃO DE *RESIDUAL* NO ÂMBITO DA CRÍTICA LITERÁRIA A PARTIR DE RAYMOND WILLIAMS

O termo *resíduo*, em ciências humanas, teve suas primeiras utilizações, também, com a *École des Annales*, como sendo praticamente um sinônimo de *mentalidade*. Segundo Duby, Gaston Bouthoul, em 1952, utiliza o termo ao considerar os aspectos culturais de uma sociedade: “Por trás de todas as diferenças e nuances individuais fica uma espécie de *resíduo* psicológico estável, composto de julgamentos, conceitos e crenças a que aderem, no fundo, todos os indivíduos de uma mesma sociedade.” (BOUTHOU *apud* DUBY, 1993, p.88, grifo nosso). Jacques Le Goff também utiliza o referido termo na

¹² Foi justamente contra esse modelo de cunho positivista que os historiadores Marc Bloch e Lucien Febvre se propuseram à fundação do movimento da *École des Annales* e da proposição do que ficou conhecido como Nova História (*Nouvelle Histoire*). Cf. BURKE, Peter. *A Escola dos Annales (1929-1989): A Revolução Francesa da Historiografia*. Tradução de Nilo Odália. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997, p.7-22.

mesma acepção, quando, ao referir-se à História das Mentalidades¹³, diz que “o primeiro atrativo das mentalidades reside precisamente na sua imprecisão, na sua vocação de designar os *resíduos*, o não sei o quê da história.” (LE GOFF, 1995, p.68, grifo nosso). Outro historiador, também ligado aos *Annales*, que usou o termo *resíduo* com as mesmas acepções sinonímicas de substratos de *mentalidade* foi Carlo Ginzburg que, num ensaio sobre o método do paradigma indiciário¹⁴, assim se referiu sobre tal método, definindo-o como sendo:

Um método interpretativo centrado sobre os *resíduos*, sobre os dados marginais, considerados reveladores. Desse modo, pormenores normalmente considerados sem importância [...] forneciam a chave para aceder aos produtos mais elevados do *espírito humano*. (GINZBURG, 1989, p.149-150, grifos nosso).

Foi, no entanto, com Raymond Williams, crítico literário de orientação marxista e um dos formuladores dos *Cultural Studies* (Estudos Culturais)¹⁵ que a noção de *residual* ganhou maior notoriedade como conceito operativo para análise literária e cultural. Em seus livros *Marxismo e Literatura* (1979) e *Cultura e Materialismo* (1981), Williams desenvolve algumas noções relativas aos fenômenos culturais. Seu objetivo, nas obras em questão, foi o de mostrar que, numa sociedade de uma determinada época, existem, além dos elementos culturais *dominantes*, fenômenos sociais e culturais que foram gestados no passado e que, de alguma forma e por algum motivo, vieram à tona em um momento histórico ulterior ou se arrastaram por vários períodos históricos posteriores ao da sua origem¹⁶. Williams dá a esses elementos culturais e/ou a esses fenômenos sociais os nomes *residual* ou *arcaico*. No capítulo intitulado “Dominante, Residual e Emergente” do livro *Marxismo e Literatura* (1979), Williams desenvolve algumas concepções relativas aos processos existentes dentro da complexa malha que forma a cultura da humanidade.

¹³ LE GOFF, Jacques. “As Mentalidades: Uma História Ambígua.” In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. *História: Novos Objetos*. Tradução de Terezinha Marinho, Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 1995.

¹⁴ GINZBURG, Carlo. “Sinais – Raízes De Um Paradigma Indiciário” In: _____. *Mitos, Emblemas, Sinais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

¹⁵ Para uma noção introdutória do que sejam os Estudos Culturais, Cf. SILVA, Tomaz Tadeu da (org). *O Que É, Afinal, Estudos Culturais?* - 4ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

¹⁶ Nesse aspecto, a noção de *residual* se assemelha sobremaneira ao conceito de *longa duração* (estruturas persistentes às mudanças e que sobrevivem por longos períodos históricos), formulado pelo historiador Fernand Braudel, integrante, como já vimos, da *École des Annales*.

A complexidade de uma cultura se encontra não apenas em seus processos variáveis e suas definições sociais – tradições, instituições e formações – mas também nas inter-relações dinâmicas, em todos os pontos do processo, de elementos historicamente variados e variáveis. (WILLIAMS, 1979, p.124)

Na análise histórica autêntica, é necessário, em todos os pontos, reconhecer as inter-relações complexas entre movimentos e tendências, tanto dentro como além de um domínio específico e efetivo. É necessário examinar como estes se relacionam com a totalidade do processo cultural, e não apenas com o sistema dominante selecionado e abstrato. (*idem, ibidem*)

Williams admite, porém, no começo de seu texto, a dificuldade de se distinguir, na prática, *arcaico* de *residual*:

Por “residual” quero dizer alguma coisa diferente de “arcaico”, embora na prática seja difícil, com frequência, distingui-los. (WILLIAMS, 1979, p.125)

Qualquer cultural inclui elementos disponíveis do seu passado, mas seu lugar no processo cultural contemporâneo é profundamente variável. (*idem, ibidem*)

O *arcaico* seria todo e qualquer elemento cultural que teve seu início e seu fim no passado, mas que estaria sendo revivido, por alguma razão, de forma deliberada e consciente, causando estranhamento, o seu uso, em tempos posteriores. Assim, pois, se refere Williams a esse conceito:

Eu chamaria de “arcaico” aquilo que é totalmente reconhecido como um elemento do passado, a ser observado, examinado, ou mesmo, ocasionalmente, a ser “revivido” de maneira consciente, de uma forma deliberadamente especializante. (WILLIAMS, 1979, p.125)

Já o *residual*, por sua vez, seria qualquer elemento da cultura formado no passado, mas ainda ativo na sociedade e na cultura posterior, de modo a ser tido como algo próprio e inerente mesmo à época em que se manifesta, pois participa da *mentalidade* vigente do período, é algo incorporado. Raymond Williams assim diz sobre essa noção:

O residual, por definição, foi efetivamente formado no passado, mas ainda está ativo no processo cultural, não só como um elemento do passado, mas como um elemento efetivo do presente. Assim, certas experiências, significados e valores que não se podem expressar, ou verificar

substancialmente, em termos da cultura dominante, ainda são vividos e praticados a base do resíduo – cultural bem como social – de uma instituição ou formação social e cultural anterior. (WILLIAMS, 1979, p.125)

Williams chama a atenção, ainda, para o fato de o residual poder ser incorporado, total ou parcialmente, sem qualquer conflito, à cultura dominante de uma determinada civilização de um dado período histórico; ou então, para o contrário: de manter, o residual, com essa cultura dominante, uma relação alternativa ou mesmo oposta.

É importante distinguir esse aspecto do residual que pode ter uma relação alternativa ou mesmo oposta com a cultura dominante, daquela manifestação ativa do residual (distinguindo-se este do arcaico) que foi incorporada, em grande parte ou totalmente, pela cultura dominante. (WILLIAMS, 1979, p.125)

Um elemento residual cultural fica, habitualmente, a certa distância da cultura dominante efetiva, mas certa parte dele, certa versão dele – em especial se o resíduo vem de alguma área importante do passado – terá, na maioria dos casos, sido incorporada para que a cultura dominante tenha sentido nessas áreas. (*idem*, p.126)

É pela incorporação daquilo que é ativamente residual – pela reinterpretção, diluição, projeção e inclusão e exclusão discriminativas – que o trabalho de tradição seletiva se faz especialmente evidente. (*idem*, *ibidem*)

Por *dominante*, Raymond Williams quer referir-se aos elementos culturais e fenômenos sociais que melhor caracterizam um período histórico e que, na maioria das vezes, são produzidos no âmbito das classes detentoras de poder. Desse modo, para o crítico galês, a cultura dominante incorpora alguns dos elementos residuais – aqueles mais importantes – e descarta tantos outros que, por não serem incorporados, acabam tornando-se arcaicos. Para Williams, em *Materialismo e Cultura* (1981), os elementos residuais incorporados, em geral, são aqueles:

[...] de uma fase particular da cultura dominante, [onde] há então um retorno aos significados e valores que foram criados em sociedades reais do passado e que ainda parecem ter alguma relevância por representarem áreas da experiência, aspiração e realização humana [...]. (WILLIAMS, 2011, p.58)

Porém, nem tudo, numa civilização, provém do passado. Raymond Williams acredita que, a todo e qualquer momento, são criados novos elementos culturais, novas práticas e novos tipos de relações sociais, da mesma forma como são atribuídos novos significados e novos valores a elementos culturais e a fenômenos sociais considerados antigos. O crítico marxista deu o nome de *emergente* a esse novo fenômeno social ou a esse novo elemento cultural produzido, majoritariamente, no seio dos grupos ou das camadas dominantes de certa civilização dum dado momento. Eis a definição de emergente dada por Raymond Williams, bem como as palavras desse crítico literário sobre a dificuldade de se diferenciar residual de emergente ou algo realmente novo daquilo que só teve o seu valor ou o seu significado modificado, tempos depois de sua origem:

Por “emergente” entendo, primeiro, que novos significados e valores, novas práticas, novas relações e tipos de relação estão sendo continuamente criados. Mas é excepcionalmente difícil distinguir entre os que são realmente elementos de alguma fase nova da cultura dominante (e nesse sentido “específico da espécie”) e os que lhe são substancialmente alternativos ou opostos: emergente no sentido rigoroso, e não simplesmente novo. Como estamos sempre considerando relações dentro de processo cultural, as definições do emergente, bem como do residual, só podem ser feitas em relação com um sentido pleno do dominante. (WILLIAMS, 1979, p.126)

[...] uma maneira de definir os elementos importantes tanto do residual como do emergente, e como um meio de compreender o caráter do dominante, é que nenhum modo de produção e, portanto nenhuma ordem social dominante, nunca na realidade, inclui ou esgota toda a prática humana, toda a energia humana e toda a intenção humana. (*idem*, p.128)

Por fim, para finalizar este tópico, eis algumas reflexões de Raymond Williams sobre as relações entre os conceitos culturais abordados e sua serventia no campo literário, retirados do livro *Materialismo e Cultura*:

Temos então de ver, primeiramente, como se realiza essa relação temporal entre, por um lado, a cultura dominante e, por outro, a cultura residual ou a emergente. Mas só podemos entender essa relação se fizermos distinções que, normalmente, exigem análises bastante precisas entre o residual incorporado e o residual não incorporado, e entre o emergente incorporado e o emergente não incorporado. (WILLIAMS, 2011, p.57)

Assim, para Williams, numa cultura dominante se mesclam inevitavelmente aspectos *emergentes* e *residuais* em sua configuração, no entanto muitos desses aspectos do *emergente* e do *residual* não são incorporados e, portanto, não sobrevivem no “grande tempo”¹⁷, tornando-se, posteriormente, obsoletos ou, nos dizeres de Williams, *arcaicos*. Desse modo, portanto, Raymond Williams estabelece sua visão sobre os processos nos quais se estabelecem as heranças culturais e as práticas emergentes que, ininterruptamente, incorporam novos elementos ou reaproveitam alguns já consolidados na complexa malha cultural da humanidade, incluída aí, também, nessa complexa malha, as produções literárias, independentemente do período histórico a se considerar, pois:

[...] em nosso próprio período como em outros, o fato da prática cultural emergente é inegável, e juntamente com isso a prática residual, uma compilação necessária à pretensa cultura dominante. (WILLIAMS, 1979, p.129)

É, portanto, nesse sentido que, para Raymond Williams, se estabelecem e se fundamentam as práticas culturais em qualquer período temporal e que serviram de base para as proposições investigativas no interior dos estudos culturais.

SOBRE A TEORIA DA RESIDUALIDADE COM BASE NOS ESTUDOS DA ÉCOLE DES ANNALES E DAS NOÇÕES CULTURAIS DE RAYMOND WILLIAMS

Com base em diversos conceitos e procedimentos em ciências humanas, mormente aqueles em torno de *mentalidade*, *imaginário* e *longa duração* propostos pelos intelectuais da *École des Annales*, e sobre as noções de *residual*, *arcaico* e *emergente* pensado pelo crítico Raymond Williams, Roberto Pontes, poeta, crítico, ensaísta e professor aposentado do curso de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará (UFC), sistematizou a Teoria da *Residualidade* na primeira década do presente século. Os primeiros passos do que viria ser a *Residualidade* se deram

¹⁷ Conceito bakhtiniano referente à sobrevivência de uma obra literária à posteridade, a qual o teórico russo denomina “grande tempo”. Cf. BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

em sua obra crítica *Poesia Insubmissa Afrobrasilusa* (1999)¹⁸ e, mais tarde, em 2006, Pontes sistematizou a sua teoria em ensaios e conferências apresentados na Jornada de Residualidade¹⁹, ocorrida no seio do Programa de Graduação e de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará.

Com essa teoria, quis Roberto Pontes, primeiramente, mostrar (sobretudo na Literatura) que certos aspectos comportamentais e culturais “vivos” e tidos como pertencentes a um dado momento histórico são, na verdade, traços característicos duma era passada, que foram retomados, por uma pessoa ou por um determinado grupo, geralmente de forma inconsciente, por meio de assimilações culturais.

Desse modo, articulando diversos conceitos, Roberto Pontes buscou explicar como certos traços da *mentalidade* dum determinado grupo de indivíduos sobreviveram a períodos históricos posteriores e incorporaram-se às manifestações culturais vigentes. Para tanto, ele não só tomou emprestado ideias e termos de pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento humano (como a História, a Antropologia, a Literatura e até mesmo a Química) como também (re)trabalhou esses termos, de modo a criar os seus próprios, para aclimatá-los à realidade brasileira.

Assim, Roberto Pontes observou diversas ideias afins que giravam em torno da noção de cultura e que se encontravam separadas porque, obviamente, foram geridas por diversas agremiações de intelectuais e articulou-as numa sistematização teórica denominada por ele de *Residualidade*, cujo objetivo precípua seria explicar, pelo viés da herança e da influência cultural, determinados fenômenos literários e artísticos. O pesquisador cearense assim se referiu, nos seus escritos²⁰, a essa sistematização:

¹⁸ PONTES, Roberto. *Poesia Insubmissa Afrobrasilusa*. Rio de Janeiro / Fortaleza: Oficina do Autor / Edições UFC, 1999.

¹⁹ A Jornada de Residualidade é um evento acadêmico bienal realizado pela Universidade Federal do Ceará (UFC), nas quais se congregam pesquisadores de universidades brasileiras e de outros centros de excelência em torno dos estudos comparatistas de investigação literária e cultural que tenham como base conceitos correlatos à Teoria da Residualidade. Até o ano de 2019 já foram realizadas oito Jornadas, todas no seio do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFC, organizadas pelo sistematizador da teoria, o Prof. Dr. Roberto Pontes.

²⁰ PONTES, Roberto. “Entrevista sobre a Teoria da Residualidade com Roberto Pontes”, concedida a Rubenita Moreira, em 05/06/2006. Fortaleza: (mimeografado), 2006. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/340101007/Entrevista-Sobre-Residualidade>>. Acesso em outubro de 2019. PONTES, Roberto. “Lindes Disciplinares da Teoria da Residualidade”. Fortaleza: (mimeografado), s/d. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/340101295/Lindes-Teoricas-Da-Teoria-Da-Residualidade>>. Acesso em outubro de 2019.

Observei apenas algumas palavras que foram ditas sobre determinadas realidades. Estas palavras foram aproveitadas e colocadas dentro de um campo de análise e prova. Isto vem a ser o que chamam sistematização. A sistematização é que termina resultando na teorização (PONTES, 2006, p. 09-10).

Mas a sistematização da teoria da residualidade, com aplicação na cultura e na literatura, [...] vem a ser um marco de pensamento teórico independente, gerado no seio da Unidade de Literatura Portuguesa do Departamento de Literatura da Universidade Federal do Ceará, fruto de um esforço investigativo conjunto de professores-doutores, alunos de graduação e pós-graduação, monitores, e alunos-bolsistas PIBIC-UFC-CNPq-FUNCAP (PONTES, s/d, p. 01).

Dentre os conceitos operativos que se encontram no cerne da *Residualidade* estão, conforme já visto nos tópicos precedentes deste trabalho, os de *mentalidade* e *imaginário* formulados pela agremiação da *Nouvelle Histoire*, bem como as noções de Raymond Williams sobre os aspectos *residuais*, *arcaicos* e *emergentes* das culturas dominantes de uma sociedade em determinado período histórico. Além desses, tidos por Pontes como aqueles que primeiro o despertaram para a elaboração da Teoria da *Residualidade*, existem outros dois, não necessariamente menos importantes que os já citados, uma vez que todos se complementam, ou seja, visto que um não existe sem o outro: o de *hibridismo cultural*, pensado por teóricos como Néstor Canclini e Massimo Canevacci, e o de *cristalização*, formulado por teóricos do quilate de Ernst Fischer e Guerreiro Ramos.

Quanto à relação dos conceitos de *mentalidade/imaginário* e das contribuições da *École des Annales* para a *Residualidade*, assim se referiu Roberto Pontes:

Ao Norte da teoria da residualidade se situa a História, mormente a “Nouvelle Histoire” surgida com a “École des Annales” e, mais especificamente, a História das Mentalidades. A princípio é mister esclarecer que há quem reconheça a importância da História das Mentalidades e quem se oponha frontalmente a este constructo teórico. Da nossa parte, reconhecemos a validade deste ramo recente e particular da História, bem como compreendemos ser o conceito de mentalidade bem mais extenso do que podemos imaginar. Por isso, cumpre não só aos historiadores, mas a quem se dispuser a trabalhar com os resíduos mentais objetivamente expressos na cultura, ir mais longe, como sugeriu Jacques Le Goff, “ao encontro de outras ciências humanas” (PONTES, s/d, p. 03-04).

Trabalhamos a *mentalidade* a partir de umas leituras vistas no nosso doutorado de Literatura Portuguesa da PUC-Rio, quando estudamos a

História Nova, ou a *Nouvelle Histoire* – eis como se chama o grupo de historiadores que, a partir da década de 50 e a partir, também, dos estudos da *École des Annales*, começaram a renovar o estudo da História, na França. [...] Autores como Fernand Braudel, Georges Duby, e muitos outros, foram, aos poucos, verificando ser necessário estudar, não a ação de um homem, não a frequência com que as coisas ocorriam na sociedade, para quantificar, medir. E propuseram outra perspectiva para verificar as ideias que faziam a mentalidade de uma época. As especulações passaram a girar em torno de como viviam os homens num determinado período, e o que os símbolos e os ícones representavam nas obras por eles deixadas. Passaram a buscar aquela matriz apropriada à ideia do processo civilizatório – ou do recorte histórico – no qual viveram. É aí que damos com os símbolos, com o imaginário, com a remanescência da memória coletiva através de vestígios. Quando me refiro a vestígios, falo em resíduo. A mentalidade não pode ser dissociada do resíduo. (PONTES, 2006, p. 10).

Está em Guerreiro Ramos; ele afirma que ninguém melhor do que Shakespeare para representar a época em que ele escreveu; ninguém melhor do que Dante para representar, também, a época em que ele escreveu, isto é, a Idade Média já numa certa fase, não toda a Idade Média. Ninguém melhor do que Richard Wagner para representar a época romântica em que ele escreveu e que significa bem o modo de ser do alemão naquele momento. Então, como é que vamos conhecer a *mentalidade* desses povos, como vamos conhecer a *mentalidade* desses homens, como vamos conhecer a *mentalidade* que permaneceu por muito tempo nas culturas? Através do que podemos considerar vestígios, remanescências, *resíduos*, encontráveis nas obras da cultura espiritual e material dos povos. Porque é através da cultura material que chegamos a compor um painel da cultura espiritual dos povos. Cultura espiritual aqui no sentido de conjunto de ideias, conjunto ideológico de um momento. É este o conceito que fazemos de *mentalidade* (*idem*, p.11).

No que diz respeito às contribuições do pensamento de Raymond Williams e sua noção de *residual* na sistematização da *Residualidade* e sobre, ainda, as ideias do sociólogo brasileiro Guerreiro Ramos acerca da cultura, assim se referiu o professor Pontes:

Ao Sul, a teoria da residualidade confina com a Sociologia e a Antropologia, sobretudo com o vigoroso pensamento de Raymond Williams, ex-professor nas universidades de Oxford e Cambridge. Williams foi o único a dedicar, antes de nós, duas páginas a respeito da residualidade. Suas observações se acham num capítulo de *Marxismo e Literatura*. Além deste livro, importante se faz a leitura de outro, do mesmo autor, intitulado *Cultura*. Antes de Williams já estava nesta mesma área de lindagem o sociólogo brasileiro Guerreiro Ramos, em cuja obra fomos encontrar pela primeira vez o “insight” da residualidade. Seu livro *Introdução à Cultura* nos revelou estar a visão de mundo de uma época muito bem posta em determinadas

obras literárias, de modo que estas são expressões de mentalidade epocal; do mesmo modo nos convenceu ser a obra considerada erudita não mais do que o refinamento, isto é, a cristalização do substrato inventivo popular (PONTES, s/d, p. 04).

O *resíduo* é aquilo que resta de alguma cultura. Mas não resta como material morto. Resta como material que tem vida, porque continua a ser valorizado e vai infundir vida numa obra nova. Essa é a grande importância do *resíduo* e da *residualidade*. Não é reanimar um cadáver da cultura grega, da cultura medieval, e venerá-lo num culto obtuso de exaltação do antigo, do morto, promovendo o retorno ao passado, valorizando a melancolia e a saudade, como fizeram os portugueses durante a fase do Saudosismo literário; não é isso. A gente apanha aquele remanescente dotado de força viva e constrói uma nova obra com mais força ainda, na temática e na forma. É aí que se dá o processo da *cristalização*. Não posso dizer onde começa nem onde termina a *cristalização* (PONTES, 2006, p.09).

Resíduos. Remanescências. Permanências. Estas palavras se equivalem, mas é preferível em nossa teoria e nas nossas investigações priorizar o emprego do vocábulo *resíduo* a fim de fixarmos uma terminologia nossa. Podemos usar os outros termos para explicar. Quando falo de *resíduo*, falo de remanescência; se digo *resíduo*, digo sobrevivência (*idem*, p. 07).

Sobre a indissociabilidade dos termos que compõem a Teoria da *Residualidade*, sobretudo no que concerne à forte ligação entre *mentalidade/imaginário* e *resíduo*, falou Roberto Pontes:

Essas coisas podem ser investigadas tanto separadamente quanto em conjunto, porque uma implica na outra e ajudam a esclarecer ao mesmo tempo o objeto investigado. São o que a teoria chama de conceitos operativos, ou operacionais, isto é, indispensáveis à operação do esclarecimento. São, pois, os conceitos operativos da nossa teoria (PONTES, 2006, p. 08).

Quando falo em vestígios, falo em *resíduo*. A *mentalidade* não pode se dissociar de *resíduo*. Quando falamos de um conceito e do outro separadamente é através de um artifício didático, mas não podemos indicar exatamente onde termina o *resíduo* e onde começa a *mentalidade* (*idem*, p.10-11).

No que diz respeito às ideias de Massimo Canevacci e Néstor Canclini sobre o *hibridismo cultural*²¹ e a relação desse conceito com a *Residualidade*, assim explanou Roberto Pontes:

A Oeste temos por confinantes eruditos do quilate de Fustel de Coulanges, autor de *A Cidade Antiga*, uma das obras mais notáveis de interpretação do mundo greco-romano. A leitura das páginas ora indicadas, daquele que foi considerado pela melhor crítica o maior historiador francês do século XIX, é capital para a compreensão da remanescência de mentalidade no processo civilizatório. A seu lado temos Ernst Robert Curtius, erudito alemão autor de um monumento ensaístico intitulado *Literatura Europeia e Idade Média Latina*, livro que nos permite compreender a dinâmica da transmissão formal em arte, dos povos antigos aos contemporâneos. [...] Neste mesmo lado, trabalhando a hibridação cultural, temos Nestor Garcia Canclini, com excelentes aportes que se achegam à teoria da residualidade nas páginas de *Culturas Híbridas*. E ao contributo deste pesquisador vem somar-se o de Massimo Canevacci, na mesma matéria. Ambos têm perspectiva própria para tratar de fatos específicos, mas convergem em suas considerações gerais para o universo por nós estudado sob o mesmo conceito – hibridação cultural. (PONTES, s/d, p.06-07).

Então, a gente começa a pensar no resíduo, naquilo que remanesce das culturas várias. Mas nós pensamos concomitantemente, na hibridação de culturas. E o que vem a ser hibridação cultural? Este é um conceito que acompanha o de residualidade. Hibridação cultural é expressão usada para explicar que as culturas não andam cada qual por um caminho, sem contato com as outras. Ou seja, não percorrem veredas que vão numa única direção. São rumos convergentes. São caminhos que se encontram, se fecundam, se multiplicam, proliferam. A hibridação cultural se nutre do conceito de hibridismo comum à mitologia. Que é um ser híbrido? É aquele composto de materiais de natureza diversa. (PONTES, 2006, p. 05-06).

Por fim, as palavras de Roberto Pontes sobre o conceito de *crystalização* no âmbito da cultura e de que modo se utilizou desse conceito na aplicação da Teoria da *Residualidade*:

Ao Leste, temos a investigação da Geologia, em cruzamento com a da Estética e da Fenomenologia de Gaston Bachelard. Bachelard dedica vinte e seis primorosas páginas ao “devaneio cristalino”, com o tônus poético que lhe é peculiar. Este cruzamento ocorreu porque ao elegermos o conceito de *crystalização* verificamos haver na Mineralogia um repertório teórico sólido

²¹ Nesse aspecto, consideramos, também, a importância das ideias apresentadas por Peter Burke sobre a noção dos hibridismos culturais. Cf. BURKE, Peter. *Hibridismo Cultural*. Tradução de Leila Souza Mendes. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2006.

respeitante aos cristais, de modo a nos oferecer o mínimo de informações necessárias à construção do conceito de cristalização no reino da cultura. Daí indicarmos sempre aos nossos pesquisadores a leitura do capítulo “Cristalografia”, do Manual de mineralogia de James D. Dana. Fazendo par com Dana, mas já no terreno da verificação estética, temos Ernst Fischer, que em seu inestimável *A Necessidade da Arte*, alinha cinco páginas primorosas dedicadas aos cristais, de indispensável leitura para esclarecer questões de forma e conteúdo. (PONTES, s/d, p.06)

O *resíduo* é dotado de extremo vigor. Não, se confunde com o antigo. É expressão surgida com a força do novo porque é uma cristalização. É algo que se transforma; como o mineral bruto tomado joia na lapidação. Aí caímos no conceito de *cristalização*. (PONTES, 2006, p.08)

Assim, portanto, a *cristalização* é o processo de modificação, ao longo do tempo, pelo qual um determinado aspecto cultural passa, quando entra em contato com outra cultura. É preciso atentar-se ao sentido em que este termo é usado dentro da *Residualidade*: ele indica um processo, diferentemente do significado mais comum dado ao verbo “cristalizar”, que é tomado normalmente como uma ação de solidificar, de tornar algo estático. Esse foi o mesmo sentido esposado por Ernst Fischer²².

Foi com esses conceitos que Roberto Pontes sistematizou a sua teoria, a partir de contribuições dadas por estudiosos de outros campos do conhecimento. Assim, por meio dela, ele procura investigar como os traços de *mentalidades* dos povos de épocas passadas mantêm-se ativas em culturas posteriores. Para tanto, utiliza como fonte de pesquisa as obras literárias. São nelas que o estudioso busca o espírito de uma época, de um povo, pois essas obras guardam consigo *resíduos* que compuseram os substratos culturais das sociedades em que foram produzidas. Desse modo, a Teoria da *Residualidade* investiga o processo de transformação pelo qual passam os bens culturais ao longo do tempo, ou seja, os *resíduos* de épocas passadas. Esses *resíduos* guardam em si um traço de *mentalidade*, a mesma que, agora manifestada sob um novo aspecto, porque, *cristalizado*, continua a ser valorizado e vai infundir vida em uma obra nova.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

²² Cf. FISCHER, Ernst. *A Necessidade da Arte*. Tradução de Leandro Konder. 9ª Ed, 1983. Rio de Janeiro: Zahar Editora.

No âmbito da moderna crítica e investigação literárias, a *Residualidade* se insere, ousamos dizer, na fronteira das correntes críticas de viés sociológico e àquelas dos estudos culturais. Esse amálgama de vieses teóricos na busca pela compreensão do fenômeno literário tem sido uma constante no recinto da hodierna crítica. É o que se tem chamado de “tecnologização dos conceitos interpretativos” que, segundo Durão (2016), se dá “por meio da relação da crítica com outras áreas das ciências humanas” (DURÃO, 2016, p.95). Nesse sentido, podemos dizer que, nos tempos atuais, o procedimento interpretativo mais comum não é somente o de confrontar obras diversas, mas relacioná-las a arcabouços teóricos das mais diferentes espécies e origens.

Essa qualificação da *Residualidade* como constructo teórico e investigativo que se aproveita de arcabouços conceituais de matizes diversos é antes uma qualidade que defeito, visto que, ainda segundo Durão (2016), a moderna crítica e investigação literária têm buscado libertar-se da exclusividade na imanência do texto, almejando, também, a compreensão do fenômeno literário por meio de explicações oriundas de áreas extraliterárias, pois apesar de a crítica literária centrar-se, como é evidente, no texto, isso não significa que:

[...] não tenha o que dizer sobre a história ou a sociedade. Por mais estranho que possa parecer, muitas vezes é mais fácil alcançar obliquamente uma visão profunda do mundo a partir daquilo que ela produz (e aparentemente não possui uma finalidade prática), do que encarando-o de frente, de uma posição acima de tudo e de todos. (DURÃO, 2016, p.22).

Desse modo, pois, temos que a consequência dessa crescente complexidade e sofisticação da crítica literária é a de que ela se transformou em um campo que exige um conhecimento amplo daquilo que anteriormente era considerado como extraliterário e que permanecia desta maneira fora do campo de visão do crítico. Nessa seara, portanto, é que se encontra a *Residualidade* como um aporte teórico e investigativo na qual os diversos matizes conceituais, oriundos de diferentes áreas, contribuem para a explicação e interpretação do objeto literário no âmbito das formações culturais.

Ao afirmarmos, pois, que a Teoria da *Residualidade* se insere na fronteira dos estudos culturais com a crítica de viés sociológico, baseamo-nos em reflexões acerca dos lindes disciplinares de seu constructo, conforme as palavras de seu sistematizador, o Prof.

Dr. Roberto Pontes, apresentadas no tópico precedente deste trabalho. É importante lembrar que o conceito de *residual*, tal como entende a Teoria da *Residualidade*, foi tomada de empréstimo do crítico galês Raymond Williams, um dos fundadores dos chamados *Cultural Studies* (Estudos Culturais) que, como se sabe, tem inúmeros pontos de contato com a corrente crítica de viés sociológico, conforme Maria Cevasco (2003):

A posição teórica dos estudos culturais se distingue por pensar as características da arte e da sociedade em conjunto, não como aspectos que devem ser relacionados, mas como processos que têm diferentes maneiras de se materializar, na sociedade e na arte. [...] Os elementos normalmente considerados externos a um projeto artístico ou intelectual - por exemplo, o modo de vida de uma determinada sociedade - são internos na medida em que estruturam a forma das obras e dos projetos que, por sua vez, articulam os significados e os valores dessa sociedade. (CEVASCO, 2003, p.64).

Assim, a *Residualidade* busca justamente analisar de que modo os substratos de *mentalidade* do passado permanecem ao longo do tempo e se materializam na cultura, incluindo aí as manifestações literárias. Assim, ao analisar nas obras literárias os *resíduos* culturais de “longa duração”, a *Residualidade* procura demonstrar de que modo a *crystalização* dos substratos mentais se faz presente nessas obras, de modo a incutir novo fôlego na tradição literária, ao recuperar, por meio desse processo, os elementos do passado que se perpetuam. Desse modo, a atualização de um traço de *mentalidade* de qualquer aspecto cultural de determinado período insere-se no que podemos chamar de revigoração da tradição.

Consideramos, pois, de grande validade as contribuições dos estudos culturais no âmbito da crítica e investigação literárias, portanto, em nossa opinião, os estudos culturais inter-relacionam-se perfeitamente com os estudos literários. Tal relação amplia os limites fenomenológicos desses estudos, que passam a dialogar mais com a história, a antropologia, a sociologia e a política, contribuindo, assim, para a sua interdisciplinaridade.

Assim sendo, conforme visto ao longo deste artigo, o método de escrutínio analítico por meio da *Residualidade* parte da análise cultural para a literária. Supõe uma primeira etapa atenta a toda espécie de elementos de linguagem: ênfases, repetições, omissões, imagens, ambiguidades, estilos, *topois*, etc. Isso é feito não pelo elemento em si, mas tendo em vista sua funcionalidade ao mesmo tempo estética, psicológica e cultural. Essa é

determinada como decorrente do intercâmbio de necessidades provenientes da estrutura formal, de necessidades psicológicas oriundas do tipo de indivíduo que escreveu a obra e de necessidades culturais de certo tipo de sociedade, num certo período. Por fim, deve-se frisar que a validade dos estudos culturais em consonância com as correntes de viés sociológico à investigação literária se insere na pertinência de uma abordagem dos estudos literários que não se detenha com exclusividade nos recursos formais, mas também que acentue as relações que o texto pode estabelecer com a vida social, psíquica, antropológica e cultural. Nesse sentido, a *Residualidade* se apresenta como expoente metodológico de grande contributo na seara da crítica e investigação literárias.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

BRAUDEL, Fernand. **Escritos Sobre a História**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989): A Revolução Francesa da Historiografia**. Tradução de Nilo Odália. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

_____. **Hibridismo Cultural**. Tradução de Leila Souza Mendes. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2006.

CEVASCO, Maria Elisa. **Dez Lições Sobre Estudos Culturais**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

DUBY, Georges. **A História Continua**. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor / Editora UFRJ, 1993.

DURÃO, Fábio Akcelrud. **O Que é Crítica Literária?** - São Paulo: Nankin Editorial/Parábola Editorial, 2016.

FISCHER, Ernst. **A Necessidade da Arte**. Tradução de Leandro Konder. 9ª Ed, 1983. Rio de Janeiro: Zahar Editora.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A Idade Média: Nascimento do Ocidente**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

_____. “O Fogo de Prometeu e o Escudo de Perseu: Reflexões Sobre Mentalidade e Imaginário”. In: **Signum** - nº 5. São Paulo: Associação Brasileira de Estudos Medievais, 2003.

GINZBURG, Carlo. “Sinais – Raízes De Um Paradigma Indiciário” In: _____. **Mitos, Emblemas, Sinais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.

HOUAISS, Antônio (dir.). **Dicionário Eletrônico Houaiss de Língua Portuguesa** - (versão 3.0). Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LE GOFF, Jacques. “As Mentalidades: Uma História Ambígua.” In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História: Novos Objetos**. Tradução de Terezinha Marinho, Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 1995.

PONTES, Roberto. “Entrevista sobre a Teoria da *Residualidade*, com Roberto Pontes, concedida a Rubenita Moreira, em 05/06/2006”. Fortaleza: (mimeografado), 2006. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/340101007/Entrevista-Sobre-Residualidade>>. Acesso em outubro de 2019

_____. “Lindes Disciplinares da Teoria da Residualidade”. Fortaleza: (mimeografado), s/d. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/340101295/Lindes-Teoricas-Da-Teoria-Da-Residualidade>>. Acesso em outubro de 2019.

SILVA, Kalina Vanderlei. **Dicionário de Conceitos Históricos**. 2^a ed. São Paulo: Contexto, 2009.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org). **O Que É, Afinal, Estudos Culturais?** - 4^a ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e Materialismo**. Tradução de André Glaser. São Paulo: Editora Unesp, 2011 (1981).

_____. **Marxismo e Literatura**. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1979.